

Televisão: Da sala de estar para a sala de aula.

Joviniano Borges da Cunha

Mestrando em Comunicação e Educação

Universidade Anhembi Morumbi

Entre a escola e a televisão

Este trabalho resulta de uma das preocupações dentro de minha pesquisa de mestrado em comunicação e educação na Universidade Anhembi Morumbi.

Estamos conscientes, hoje, da importância da televisão no processo de educação da criança, desde os anos que precedem sua estada na escola. Estando permanentemente na vida das pessoas, a televisão tentará se adaptar à faixas etárias, com horários e programações diferentes, se comportando como um “parente eletrônico”.

“O poder e a penetração do veículo são imensos. Milhões de pessoas se ligam efetivamente à televisão durante muitas horas de seu dia. Se alguns poucos se colocam contra ela, a grande maioria, no entanto, permanece diante do vídeo entre quatro e cinco horas diárias em média, média essa que chega a dez horas entre as pessoas da terceira idade. Os pequenos, de três a doze anos, assistem à TV aproximadamente seis horas por dia. E qual a razão?(...)ninguém pode

negar o poder de sedução exercido pela TV, bem como a força magnetizante com que se mostra aos indivíduos”¹

Deixando de ser um “bicho-papão”, como era tomada na década de 70, acusada de ser alienadora, hoje, é a televisão que define o que a família de todas as classes faz e consome. Sob esse aspecto, não é só no universo da criança que ela aparece como mediadora, mas, por consequência, para o adulto também, de forma muito mais sedimentada.

Provavelmente Freinet² usaria a TV, o vídeo e o Vídeo Game em suas experiências educacionais, pois reconheceria neles sua importância e força de sedução. Maria Lúcia dos Santos, educadora freinetiana, membro do Núcleo Freinet da São Paulo, que nos fala da utilização da TV, do vídeo, e outros meios em sala de aula³, nos diz:

“A escola está lentamente acordando para a compreensão dos meios de comunicação como educadores informais da sociedade e como novas linguagens que interferem nas convencionais”⁴

Como a escola poderá enfrentar os meios eletrônicos, que se multiplicam e se desenvolvem criando atrativos cada vez mais sedutores? A escola tem futuro perante

¹ Maria Tereza Fraga Rocco. “As Palavras na TV. Um exercício autoritário?” in Aduino Novaes (org). **Rede Imaginária - Televisão e democracia**, pag. 241.

² Celestin Freinet, educador francês -1896-1966.

³ Maria Lúcia dos Santos. “A vida na sala de aula freinetiana” in Marisa Del Cioppo Elias (org). **Pedagogia Freinet: Teoria e prática**, pág. 35.

esses meios? Não se trata de competir com eles e sim incorporá-los, e que em função deles se repense a escola atual, o sistema educativo. Dentro desta nova cultura, a função do professor não poderá ser simplesmente o repetidor, o transmissor de conhecimentos, pois atualmente existem meios que o fazem de maneira mais eficaz. Não se trata entretanto, de suprimir o professor ou mesmo a escola. Trata-se de renová-la

O Espaço ocupado pela TV

A TV já é uma referência da criança quando esta chega à escola. Os educadores precisam reconhecer e entender que, uma escola que não ensina um aluno a assistir televisão, estará permitindo que o aluno permaneça no nível da consciência ingênua, e estará educando um aluno incapaz de entender os signos desse meio, geradores de parte de seu repertório, e conseqüentemente, parte de sua cultura. A escola precisa fazer com que o aluno ultrapasse o nível da consciência ingênua e atinja o nível da consciência crítica. Faz-se necessário que a escola integre parte da programação da TV dentro do processo educativo.

*“A escola é uma enseada segura, porque tem suas normas, regras, ritos, tradições, que desempenharão tanto melhor seu papel quanto mais evitarmos questionar a respeito de suas bases ontológicas ou de sua origem histórica. As reformas passam, o sistema continua”.*⁵

⁴ José Manuel Moran. **Como Ver Televisão**, pág. 29.

⁵ Michel Tardy. **O Professor e as Imagens**, pág. 11.

Não podemos esquecer das propostas mais libertadoras, como professa Paulo Freire e outros educadores. É preciso perceber o espaço que a cultura dos Meios de Comunicação de Massa ocupa no universo de nossos educandos. A escola tradicional, em sua maioria, tem se mostrado resistente, pois se ocupa quase que exclusivamente em reproduzir conhecimentos, perpetuar uma cultura oficializada, portanto já estabelecida, recusando-se a adaptar-se a uma sociedade e a uma cultura em constante transformação. Sob esse prisma, a escola cumpre seu papel de mantenedora da ordem existente, um aparelho de controle social.⁶

*“As crianças de seis anos que transpõe pela primeira vez a porta da escola, possuem já uma sólida cultura televisiva. Desde o começo da escolaridade, submetem-se massivamente ao descrédito da sua ‘antiga cultura’ infantil e começam a fazer a experiência do encontro das grandes obras clássicas”.*⁷

Muitas escolas, se preocupam com os diferentes temas da modernidade, mas dão pouca atenção, ou uma atenção insuficiente, aos Meios de Comunicação de Massa. Com frequência, os temas da TV estão presentes através do aluno na sala de aula, mas são ignorados pelos professores.

Linguagem da televisão.

Existe uma analogia entre a linguagem da televisão e a linguagem dos sonhos. Essa analogia se revela nos processos inconscientes, e se apresenta como uma forma de

⁶ Louis Althusser. **Aparelhos Ideológicos de Estado.**

⁷ Judith Lazar. **Escola, Comunicação, Televisão**, pág. 12

representação do real e sua relação com ele. No imaginário todos os sentidos são possíveis.

“O discurso televisivo é criação de código mas não de pensamento, pois o poder de coisa de todas as imagens impede qualquer deslocamento entre o significante e o significado. Também para o discurso televisivo não existe contradição, negação, impossibilidade. A inocência de um desenho animado pode ser interrompida subitamente por um segmento de discurso sobre as propriedades de um biscoito, ao qual se segue um trecho de trailer de um filme da sessão da noite mostrando cenas de sexo e violência, uma chamada para o telejornal anunciando outras cenas de violência real mas sem que nada as diferencie da violência fictícia mostrada há pouco, volta-se a uma propaganda de lingerie, a uma apresentadora de minissaia e finalmente ao desenho animado interrompido”⁸

Tudo isso sem que seja anunciado que o que vai ser visto a seguir não tem nada a ver com o já visto, de tal forma que essa linguagem se assemelha muito à linguagem onírica. A relação entre a criança e a televisão se processa em uma relação com o código televisivo, e não com a sua experiência direta com o objeto representado, desta forma ela difere o real do representado.

A televisão possui uma programação que sintetiza diversas linguagens. É preciso constatar como estas linguagens se estruturam entre si, e qual é o efeito global que elas produzem. *“...a televisão tem uma linguagem específica produzida pela justaposição, a*

⁸ Maria Rita Kehl. “Imaginar e Pensar” in **Rede Imaginária: televisão e democracia**. pag. 65.

*mistura e a síntese de diversas linguagens. Em conseqüência, se não dispusermos de elementos para analisar estas mesmas linguagens, não poderemos conhecer os fundamentos de sua linguagem”.*⁹

A imagem captada da tela produz um fascínio por suas formas e cores, associada a uma sonoplastia composta por uma tipologia sonora diversa que irá caracterizar o meio, produzindo uma sinfonia extremamente atrativa aos olhos e ouvidos infantis.

*“Uma das manifestações mais evidentes da modificação das experiências perceptivas pela televisão é justamente a multiplicação dos estímulos visuais e auditivos. As mensagens da televisão caracterizam-se cada vez mais por um ritmo trepidante, por uma aceleração cada vez maior na sucessão das cenas”.*¹⁰

A relação da criança com a televisão vai se modificando de acordo com a idade. Inicialmente sua atração será pelos desenhos animados, por seu aspecto formal fantasioso e mágico, e também pela sua curta duração. Não se sentirá atraída, em princípio, pela programação destinada aos adultos, mas, não tem alternativa após certa hora do dia, como demonstra P. Marks Greenfield¹¹ em seu estudo sobre a criança e os meios de comunicação.

⁹ J.M. Pérez Tornero. **El desafío educativo de la televisión**, pág. 83.

¹⁰ Joan Ferrés. **Televisão e Educação**, pág. 17.

¹¹ P.Marks Greenfield. **El niño y los medios de comunicación**.

Em princípio, os desenhos correspondem ao nível de atenção/concentração próprio da criança de menor idade, que estando ainda em processo de aquisição de linguagem, terá sua atenção e verbalização um pouco fragmentária. Como observa Piaget:

*“(...)é quase impossível interrogar sujeitos de três anos, por falta de continuidade nas idéias durante o diálogo; a partir dos quatro anos, pelo contrário, é possível manter um interrogatório(...) Por outra parte, as pesquisas sobre a noção de ordem mostram que, se a criança de quatro a seis anos mal sabe ordenar um relato simplesmente verbal ou reconstituir à vontade uma seqüência de acontecimentos, ela sabe em compensação, ordenar intuitivamente uma série de contas coloridas”.*¹²

Este desejo temporal é atendido pelos desenhos animados, pois se apresentam de forma rápida e dinâmica trazendo uma narrativa completa em um curto espaço de tempo. “*As crianças são muito sensíveis a mensagens breves e concretas do tipo das que predominam na televisão*”.¹³ Por essa razão, pensando neste público infantil é que a maioria dos programas infantis se apoiam na apresentação de desenhos curtos ou filmes de aventuras, entremeados por apresentadores, além dos intervalos comerciais.

Cada vez mais as imagens produzidas pela televisão se caracterizam pelo ritmo alucinante, produzidos pelas trocas de planos das câmeras. “*Pesquisas realizadas com aproximadamente 300 filmes comerciais dos anos 40 e 50 situavam a duração média de cada plano entre 12 e 15 segundos. Atualmente, nos desenhos animados japoneses a*

¹² Jean Piaget. **A formação do símbolo na criança**, pág. 175 e 176.

¹³ M. Alonso Eurasquin, Luiz Matilla e Miguel Vázquez. **Los Teleniños**, pág. 65.

duração média de um plano já é de 3,5 segundos".¹⁴ Esta pesquisa feita por E. Garcia Matilla e citada por Joan Ferrés confirma o que estamos estudando no que diz respeito às transformações ocorridas e que caracterizam a linguagem da TV e a duração dos desenhos animados. Essa característica temporal também se apresenta em outros programas, de natureza informativa ou mesmo de ficção, além daqueles feitos especialmente para crianças.

Mudanças na Percepção.

Se hoje a rapidez, a síntese, e a eficiência de um comercial de televisão consegue transmitir uma mensagem e cumprir seu objetivo, é porque o nosso modo de percepção também se modificou e se adaptou. *“Por que é que não se admite que as descobertas técnicas transformaram em grande parte a nossa maneira de pensar, a nossa vida sensorial e que talvez estejam até prestes a modificar o nosso ritmo de pensamento?”*.¹⁵

A mudança constante das imagens, associada aos movimentos de câmera, são fortes atrativos para a atenção do telespectador. Cada plano pressupõe uma mudança da realidade, ou do ponto de vista desta realidade, que é apresentada. O telespectador vai se acostumando com a mudança constante de ritmo, e essa mudança acaba se transformando em uma necessidade de movimento. Logo, quando não há mudanças constantes, torna-se monótono.

¹⁴ Joan Ferrés. **Televisão e Educação**, pág. 17.

¹⁵ Judith Lazar. **Escola, Comunicação, Televisão**, pág. 15.

A prática do “zapping”, troca de canal durante a emissão, principalmente durante as interrupções comerciais, é mais uma prova da necessidade psicológica de um ritmo constante nos programas de televisão. Este é mais um dado que confirma a mudança de hábitos perceptivos provocados pela televisão.

Também a informação veiculada pela TV, seguindo o princípio do ritmo constante, não se prolongará demais em suas explicações. Mudará constantemente de assunto, de uma forma nem sempre organizada e seqüencial.

*“ Tanto considerando a televisão como instituição, em face do conjunto da programação, quanto considerando alguns programas isolados (por exemplo, os noticiários) as informações são aparentemente desconexas, dispersas, dificilmente integráveis, às vezes contraditórias. Basta pensar, por exemplo, em informação sobre a crise econômica interrompidas por propagandas que incitam o consumo. Ou em propagandas que divulgam a idéia da facilidade com que se consegue ser feliz, interrompidas por informações sobre as maiores tragédias da humanidade”.*¹⁶

Estes são alguns dos aspectos da televisão, que ao nosso ver, determinaram as mudanças ocorridas na percepção das gerações que cresceram frente à televisão.

¹⁶ Joan Ferrés. **Televisão e Educação**, pág. 20.

Acreditamos que essas mudanças devem ser observadas em sala de aula. Diante disso, novas questões são levantadas.

Como hoje, a TV influi no modo de percepção da criança? E o que esta mudança poderia ajudar no processo de educação dentro da sala de aula?

A linguagem da televisão e da escola se apresenta de maneira diversa: Fragmentação X Linearidade; Simultaneidade X Sequencialidade. Porém nos dois casos um mundo novo se apresenta. Mesmo que TV esteja voltada para o entretenimento e a escola para o conhecimento, em ambas persiste o denominador comum da informação.

A TV possui um determinado modelo, ainda que implícito, presente nas suas propostas ideológicas, no perfil de sua programação e na formação dos profissionais que nela trabalham. Desse modo, por sua forma de imposição ideológica implícita, é que o telespectador pensa possuir um ilusório domínio sobre o meio. Ao mudar de canal, pensando submeter a TV ao seu poder seletivo, ele é que se submete àquilo que este meio lhe impõe. Os programas já estão prontos. O que existe é uma maior possibilidade de escolha.

Já a escola explicitamente propõe um determinado modelo igualmente ideológico em seu ambiente, quer seja na formação de seus professores, em sua proposta educacional, ou no perfil de seus alunos. Parece fazer com que estes alunos se condicionem passivamente, ou não, a estas condições.

Não pretendemos aqui enaltecer a TV e crucificar a escola, pretendemos mostrar, que a televisão, estando presente na vida da criança, fazendo parte de sua experiência, sendo também uma mediadora de sua relação com o mundo, não pode ser considerada uma “máquina de perder tempo”, mas sim, reconhecê-la como um fenômeno social também responsável por transformações nas vidas das pessoas.

BIBLIOGRAFIA:

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa, Presença, 1980.

EURASQUIN, M. Alonso, MATILLA, Luís & VÁSQUES, Miguel. **Los Teleniños**. Barcelona, Editorial Laia, 1986.

FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

FRAGA ROCCO, Maria Tereza. “As Palavras na TV. Um exercício autoritário?” in Aduino Novaes (org). **Rede Imaginária - Televisão e Democracia**. São Paulo, Cia das Letras, 1991.

GREENFIELD, P. M.. **El niño y los medios de comunicación**. Madrid, Morata, 1985.

KEHL, Maria Rita. “Imaginar e Pensar” in Aduino Novaes (org). **Rede Imaginária - Televisão e Democracia**. São Paulo, Cia das Letras, 1991.

LAZAR, Judith. **Escola, Comunicação, Televisão**. Porto, Rés-Editora, 1987.

MORÁN, J.M.. **Como Ver Televisão**. São Paulo, Paulinas, 1991.

PÉREZ-TORNERO, J. M. . **El Desafío Educativo de la Television**. Barcelona, Paidós Ibérica, 1994.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança**. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

SANTOS, M. Lúcia dos. “A vida na sala de aula freinetiana” in Marisa Del Cioppo Elias
(org). **Pedagogia Freinet: Teoria e prática**. São Paulo, Papirus, 1996.

TARDY, Michel. **O Professor e as Imagens**. São Paulo, Cultrix, 1976.